

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

ROSELI MANEPA IPAQUERI

A ROÇA DO POVO UMUTINA

**Barra do Bugres
2016**

ROSELI MANEPA IPAQUERI

A ROÇA DO POVO UMUTINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

I64r IPAQUERI, Roseli Manepa.

A roça do Povo *Umutina* / Roseli Manepa Ipaqueri. – Barra do Bugres, 2016.

38 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo *Umutina*. 2. Práticas Culturais. 3. Lavoura. 4. Roça de Toco. I. Paes, M. H. R., Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

ROSELI MANEPA IPAQUERI

A ROÇA DO POVO UMUTINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 05 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaias Munis Batista
Professor Avaliador

Prof.^a Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todo o povo *Umutina*, em especial, às pessoas que me ajudaram nesta pesquisa.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concedido vida e saúde para ser concretizado o meu objetivo neste trabalho de pesquisa que tanto almejei.

Agradeço, também, a minha família por ser o meu suporte durante a minha trajetória acadêmica.

Ao senhor Aldir Aquizomaé Ariabo, Arenilson Soripa Umutina, Vera Lucia Ariabo Quezo e dona Neuza Manepa Ipaqueri, Luizinho Ariabo Quezo, pela acolhida na sua casa nos dias de entrevistas. A todos, o meu muito obrigado, pelo apoio e confiança em mim depositado.

Meus sinceros agradecimentos também à escola, aos alunos e à comunidade da Aldeia *Bakalana*, que confiaram no meu trabalho e contribuíram diretamente para o meu projeto de pesquisa.

RESUMO

O povo *Umutina*, que se autodenomina *Balatiponé*, vive no Estado de Mato Grosso, nas proximidades da cidade de Barra do Bugres, às margens do Rio Bugres e Rio Paraguai. Em função do sofrido processo de contato com os não indígenas, os *Umutina* quase desapareceram e, em especial, por força das políticas indigenistas do início do século passado, os remanescentes foram obrigados a silenciar suas práticas culturais, bem como, deixar de falar sua língua materna. Atualmente a Aldeia *Umutina* é multiétnica, sendo que há um esforço na retomada das práticas culturais, assim como em levantar alguns aspectos da língua materna. Nesse processo de busca pelas tradições de seus ancestrais, se faz importante levantar os modos como os *Umutina* lidavam com a roça antes da chegada dos não indígenas e suas formas de manejo com a terra e plantio de alimentos. Assim, a pesquisa aqui apresentada tem por finalidade registrar sobre o manejo da roça pelos *Umutina* nos tempos de antigamente e na atualidade, ou seja, registro sobre a preparação da terra, o plantio e a colheita de alimentos. Antigamente o tempo e a natureza tinham total interferência na evolução das plantações e a roça de toco era a prática comum dos *Umutina* produzirem seus alimentos. Atualmente o preparo da roça tem sido feito com trator e com as ferramentas e instrumentos ocidentais, muito embora ainda se encontrem práticas de roça de toco entre algumas famílias. A pesquisa foi feita a partir de entrevistas com anciões e moradores da Aldeia *Bakalana*, as quais foram gravadas e depois transcritas para o devido registro sobre a roça de antigamente e na atualidade. No total, foram 05 entrevistados, que muito contribuíram para que os dados da pesquisa possam servir como informações sobre a prática da roça tradicional para a geração atual e gerações futuras do povo *Umutina*.

Palavras-chaves: Povo *Umutina*. Práticas Culturais. Lavoura. Roça de toco.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTL	Coordenação Técnica Local
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFMT	Instituto Federal de Mato Grosso
ISA	Instituto Socioambiental
PIB	Povos Indígenas do Brasil
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SPI	Serviço de Proteção do Índio
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Balatiponé</i> de antigamente, com muitos enfeites.....	15
Figura 2 –	Homens <i>Balatiponé</i> de antigamente com seus enfeites	18
Figura 3 –	Ancião Jula Paré com crianças da Aldeia <i>Umutina</i>	20
Figura 4 –	Peixe assado, beiju e mandioca, prontos para serem consumidos	21
Figura 5 –	Mulher <i>Balatiponé</i> preparando a fibra para confeccionar artesanato	22
Figura 6 –	Homens <i>Balatiponé</i> preparados para festa cultural.....	24
Figura 7 –	Homem <i>Balatiponé</i> na roça, antigamente	27
Figura 8 –	Homem <i>Balatiponé</i> , de antigamente, no manejo da roça de toco	28
Figura 9 –	Mulher <i>Balatiponé</i> no manejo da roça de milho, atualmente	33
Figura 10 –	Roça de banana na aldeia <i>Bakalana</i>	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO POVO <i>UMUTINA BALATIPONÉ</i>.....	13
1.1 O Mito de origem do povo <i>Umutina Balatiponé</i>	13
1.2 Mito de criação dos homens	13
1.3 Apresentando os <i>Umutina Balatiponé</i>	15
1.4 Língua <i>Umutina</i>	19
1.5 Modos de vida e de sobrevivência	21
1.6 A Escola Jula Paré	25
1.7 Caracterização da aldeia <i>Bakalana</i>	25
CAPÍTULO II - A ROÇA DO POVO <i>UMUTINA</i>	27
2.1 A roça de antigamente	27
2.1.1 Preparo da roça	28
2.1.2 Plantio	29
2.1.3 Colheita	30
2.1.4 Produtos plantados	30
2.1.5 As Fases da Lua	31
2.2 A roça atualmente	32
2.2.1 Preparo da roça	32
2.2.2 Produtos plantados	33
2.3 Reflexão sobre a fala dos entrevistados	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERENCIAS	37
CONSULTORES NATIVOS.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de esclarecer sobre como o povo *Umutina*, antigamente, lidava com a roça conforme sua cultura tradicional e como fazem nos tempos atuais. Os *Balatiponé*, como se autodenominam, vivem na região do município de Barra do Bugres, no estado de Mato Grosso. Segundo contam os anciãos, era um povo nômade, mas com a chegada dos extrativistas da poaia e seringueiros, o povo foi pressionado a permanecer às margens do Rio Bugres e Rio Paraguai, pois eram constantes os *conflitos* com os invasores. Atualmente a Terra Indígena Umutina tem várias aldeias: Aldeia Umutina, que é a maior, a Aldeia *Macepô*, a Aldeia *Adonay*, a Aldeia Águas Correntes e a Aldeia *Bakalana*, nesta última foi onde se realizou a pesquisa aqui apresentada.

Os *Balatiponé*, cuja língua materna é a língua Umutina, da família linguística Macro-jê, eram ricos em suas práticas tradicionais, com muitas danças, cantos, enfeites, etc. A arte material era muito diversificada. Além de utensílios usados diariamente, os enfeites eram bem coloridos usando muitas penas e dentes de animais. Os anciãos contam que as festas eram muito animadas e reuniam todos no centro da aldeia para comemorar vários fatos, como o batizado de um recém-nascido, uma boa colheita, a cura de um parente doente, etc. O ritual de morte era a maior manifestação espiritual dos *Balatiponé*.

Antigamente viviam à base de caça e pesca, mas também do manejo das roças, que produziam principalmente mandioca, batata doce, milho fofo, feijão fava, entre outros alimentos.

No início do século passado, uma forte epidemia de sarampo assolou a população *Balatiponé* e, mais especificamente com a chegada do Serviço de Proteção ao Índio, por volta de 1942, foram trazidos para a atual aldeia Umutina, pois ali poderiam ter melhor atendimento do Governo Federal. Entretanto, além dos *Balatiponé*, outras etnias foram também trazidas para a região de Barra do Bugres, o que tornou a Aldeia Umutina uma comunidade multiétnica. Naquela época, com a política de “civilização” dos índios, estes eram proibidos de falarem suas línguas maternas bem como proibidos de manifestar qualquer prática de sua cultura tradicional. Desta forma, a língua portuguesa passava a ser a língua de comunicação e as práticas da cultura ocidental, aos poucos, foram substituindo as práticas da cultura tradicional dos índios que ali habitavam.

A língua portuguesa, além de facilitar a comunicação entre as pessoas das diferentes etnias da aldeia, também facilitava o contato com os não índios de Barra do Bugres e região, já que a aldeia se situa há poucos quilômetros desta cidade. Com o passar dos tempos e com as

mudanças da rotina da vida indígena na aldeia, muitos *Balatiponé* acabaram indo para a cidade para trabalhar e, com o salário, poder melhor sustentar suas famílias.

Atualmente, nós, os *Balatiponé*, não fazemos uso da língua materna como língua de comunicação diária e também quase não praticam mais suas tradições conforme os antepassados faziam. Entretanto, o povo está em trabalho de revitalização das práticas da cultura tradicional e também da língua materna. Sobrevivem basicamente de salários, seja como professores, funcionários da escola, funcionários nos diferentes serviços da FUNAI e, em geral, adquirem sua alimentação nos supermercados da cidade. Todavia, há famílias que ainda mantêm suas roças de mandioca, milho, feijão e arroz.

Este trabalho de pesquisa nasce com a vontade de saber um pouco sobre como era a lavoura dos meus antepassados e fazer a comparação com a de hoje, porque atualmente estamos cultivando a roça como os não indígenas, temos as mesmas ferramentas, e estamos deixando de lado o nosso jeito de lidar com a roça de toco.

As informações levantadas por esta pesquisa servirão para que se tenha registrado um pouco sobre a roça de toco de antigamente e fazendo a comparação dos dias atuais para que não deixemos de lado os costumes dos nossos antepassados, porque isso também faz parte da cultura de um povo. A escolha do tema deste trabalho parte do reconhecimento da importância de deixar registrado sobre a lavoura praticada no passado do povo *Umutina*, destacando a importância de uma roça para o sustento familiar tanto na teoria como na prática, para trabalhar em sala de aula com os alunos e os anciões.

Sabemos pelas histórias contadas pelos anciões que o pai levava o seu filho para a roça em sua companhia, já ensinando e orientando como se faz o preparo de uma roça, quando começava a roçada, derrubada, descoivarar, plantio e no final a colheita. E o pensamento dos pais daquela época era que os seus filhos começavam a aprender desde criança. Os anciões dizem que era um tipo de educação dada aos seus filhos e que hoje está sendo esquecida. Hoje se torna diferente, pois o pai já incentiva o seu filho desde os seus 4 anos de idade a ir para escola estudar, já se tornou o direito e o dever da criança, porque existem leis que amparam o direito delas.

Portanto, é de grande importância deixar registrado como um material didático, pois faz parte da identidade cultural do povo *Umutina Balatiponé* e que não deve ser esquecido no tempo. Este trabalho é voltado para produzir e disponibilizar o conteúdo que pode ser estudado dentro da escola, dando apoio ao educador, vindo futuramente servir como materiais didáticos para os alunos.

Então, este trabalho vem com objetivo de esclarecer sobre como eram feitas as roças antigamente e o que cultivavam, assim como esclarecer sobre a roça e cultivo atual dos *Umutina*. O trabalho também tem o objetivo de ser mais um material didático para ser utilizado em sala de aula e vai contribuir com a educação dos alunos indígena e não-indígena.

O estudo foi feito por meio de pesquisa em livros e *sites* que descrevem sobre lavoura do povo *Umutina* e sobre o próprio povo. Também foi feito entrevistas com 05 pessoas da Aldeia *Bakalana* sobre a história do Povo, sobre o Mito de Origem e sobre os costumes do povo *Umutina*. Também foi entrevistado sobre a lavoura de antigamente e nos dias de hoje. Para as entrevistas eu elaborei um pequeno questionário e fui perguntando devagar para os anciões, que respondiam ao que eu perguntava. As entrevistas foram gravadas e depois eu transcrevi no caderno em forma de rascunho. Depois digitei as entrevistas e vi as informações que eu precisava para este trabalho. Sobre as roças atuais, também foram fotografadas algumas delas para usar de exemplo neste trabalho. As informações das entrevistas eu organizei em duas seções: primeiro eu escrevi sobre a roça de antigamente e em seguida escrevi sobre a roça atual.

O trabalho monográfico está apresentado dois capítulos. Após a Introdução, o Capítulo I traz informações sobre o histórico dos *Balatiponé*, bem como apresenta as características gerais do povo, destacando o trabalho da escola no processo de revitalização da cultura tradicional. O capítulo ainda caracteriza a Aldeia *Bakalana*, local de realização da pesquisa. No Capítulo II as informações apresentadas são as que foram coletadas através das entrevistas e, fechando o capítulo, uma breve reflexão sobre as narrativas dos entrevistados. Em seguida são apresentadas as Considerações Finais.

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DO POVO *UMUTINA BALATIPONÉ*

Este Capítulo tem o objetivo de apresentar informações sobre o povo *Umutina Balatiponé*, trazendo aspectos de seu histórico de contato com a sociedade ocidental, como destaque, a criação do “Posto Fraternidade Indígena” pelo SPI, e os impactos que tal fato trouxe à vida deste povo. O capítulo ainda traz esclarecimentos sobre os modos de vida de antigamente e atualmente dos *Balatiponé*, que estão em forte processo de revitalização da cultura tradicional. Neste espaço de escrita também se apresenta aspectos da Aldeia *Bakalana*, local de desenvolvimento da investigação aqui apresentada.

Abrindo o capítulo, é apresentado o Mito de Origem do povo *Umutina Balatiponé* bem como o Mito de criação dos homens.

1.1 O Mito de origem do povo *Umutina Balatiponé*

Conforme contou o senhor Aldir Aquizomaé Ariabô, no dia da entrevista, o mito de origem do povo *Umutina* narra que, no princípio desta terra, havia somente um homem, o *Balatiponé* sozinho.

Quando chegava a noite, ele deitava em sua esteira e olhava para o céu estrelado, admirando duas estrelas mais brilhantes. Ficava imaginando que uma delas poderia se transformar e ser sua mulher para fazer companhia a ele, pois ele se sentia muito só.

Em uma certa noite, como era de costume, ele teve o mesmo pensamento com as estrelas. Depois de um tempo olhando para as estrelas, resolveu se recolher para dentro de sua oca e foi deitar em sua esteira e caiu no sono.

No meio da noite ele acordou, sentiu que tinha alguém ao seu lado e começou a apalpar e sentiu que era uma mulher. Quando pegou em seu cabelo longo, logo perguntou quem era, e a mulher respondeu que ela era uma daquelas estrelas brilhantes que ele tanto desejava, por isso ela estava ali para realizar o desejo dele.

1.2 Mito de criação dos homens

A escrita desta seção foi tirada do livro “Informações Etnográficas Sobre os Umutinas” e está entre aspas porque é uma citação referencial do autor Harald Schultz (1912, pp. 227 e

228). Este pesquisador conviveu cerca de oito meses com os 23 *Umutina*, aldeados na década de 1940, após a quase dizimação do povo pelos conflitos com os colonizadores e a epidemia de sarampo.

Harald Schultz foi quem mais registrou sobre as práticas de vida do povo *Umutina* de antigamente e, provavelmente, coletou as informações sobre os mitos a partir de relatos daqueles remanescentes.

“Primeiro não tinha povo e *Haypuku* (Deus), andava triste, sozinho. Ele foi pensando na vida, foi inventar e experimentar juntar fruta de bacaba do campo. E juntava fruta macho e fruta fêmea. Foi juntando, juntando, emendando até ter dois pés comprimento, aí deixa de lado. Quando chegou de noite ele ficou assustado com conversa. Foi ver e era gente que as frutas viraram. E ele ficou satisfeito com os companheiros. Eles ficaram com ele e fez família logo.

Foi indo, foi indo, experimentou juntar fruta de figueira de folha larga. Juntou e botou de baixo da esteira. De noite assustou da conversa de gente. Aí foi ver que virou gente outra vez e ficou satisfeito que já tinha muita gente para companheiros dele.

Depois de algum tempo achou que era pouco e experimentou juntar fruta de bacaba do mato. Juntou até um palmo de comprimento e saiu tudo gente de cabelo comprido, dois homens e duas mulheres, dois casais. Experimentou com mel de tatá e também saiu um casal, com a cabeça mais pelada.

Quando já tinha bastante povo dele, criou barriga de perna por dois lados. *Haypuku* ficou apurado com a dor de criança, procurou um pé de figueira. Aí racharam as duas pernas e nasceram outras crianças: dois meninos e duas meninas.

Da perna direita saíram dois *habusé*, índio e índia, e do lado esquerdo saíram os pais dos civilizados.

Mas as crianças não quiseram ficar morando na casa do pai. Ele, quando teve os dois casais de crianças foi em casa dizer á mulher e a mulher disse: ‘porque não trouxe as crianças?’. *Haypuku* respondeu: ‘As crianças não querem vir!’ Aí ele mandou fazer dois *ametá* para as meninas e dois arcos para os meninos.

A menina civilizada não ajeitou com a sainha, mas a *Habusé* ajeitou. O menino civilizado também não ajeitou com o arco, mas o *Habusé* ajeitou!

Haypuku falou para eles ir com ele em casa dele. Mas, eles não queriam. Queriam ir embora.

Ele então perguntou: ‘para onde vocês vão?’. Eles falaram: ‘Os civilizados para mando do rio Paraguai para baixo, e os *Habusés* para mando do rio Bugres para cima.

Haypuku disse que podia ficar junto com ele, que ele teve o trabalho de ‘carregar bruto de barriga de perna’, e assim mesmo eles iam se esparramar no mundo.

Mas não há notícias destes índios, que dizem parece se acabou. Ficaram só os filhos de fruteira junto com ele mesmo.”.

Este mito é narrado para explicar a criação do homem na terra, na versão do povo *Umutina*, e o povo *Umutina* acredita muito neste fato.

1.3 Apresentando os *Umutina Balatiponé*

Conforme Luizinho Ariabô Quezô (2005), o povo *Umutina*, que se autodenomina *Balatiponé*, teve os primeiros contatos com os não índios no ano de 1912, ou seja, ainda na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), quando a política indigenista se restringia a buscar a “civilização” dos índios brasileiros.

Segundo Schultz (1962), o povo *Umutina*, antigamente, era conhecido pelos não-índios como “Barbados” pelo fato de usarem longas barbas, mas, posteriormente, entendeu-se que eles não eram barbados. As mulheres deixavam os cabelos crescer para serem cortados pelos homens. Os cabelos das mulheres eram usados para confeccionar colares para uso masculino e para prender adornos na cabeça, por isso, pareciam barbados.

Figura 1 – *Balatiponé* de antigamente, com muitos enfeites



Fonte: www.pib.socioambiental.org

As mulheres e crianças andavam muito ornamentadas e tanto as mulheres quanto as meninas tinham o corpo despido somente da cintura para cima, que era coberto por muitos colares de dentes e de fios de algodão batido coloridos com tintas de urucum.

A senhora Neusa Manepá Ipaqueri comenta que a agricultura tradicional do povo *Umutina*, em tempos passados, baseava no cultivo de milho fofo, feijão-fava, mandioca brava, cará e pimenta do mato. Complementando esta informação, a Senhora Vera Lúcia Ariabo Quezo, conta que os *Umutina*, antigamente, gostavam de comer batata-doce, mandioca, beiju, peixe-assado, banana-assada e milho assado.

Quando falamos em forma de alimentação, Lima (1995, p.23) esclarece que:

Os alimentos eram preparados de forma bastante primitiva e o único condimento utilizado era a pimenta. Do milho faziam angu, fubá, pães, farinha, beiju e uma bebida não fermentada, chamada juminá, além da bebida fermentada de mandioca, denominada yolôrukwá. A caça era moqueada e os peixes cozidos na panela de barro ou assados em folha de pacova ou bananeira.

De acordo com os anciões da aldeia, antigamente era praticado o grande ritual de culto aos mortos, chamado *adoé* e era a maior manifestação religiosa entre os *Umutina*. Os rituais começavam durante a colheita do milho verde. Demorava por aproximadamente cinco ou seis semanas e o povo fazia dezessete danças. A pesquisadora Monica Cruz (2012, pp. 14 e 15) cita Schultz (1962) ao descrever estas danças, conforme colocamos abaixo.

1. *Mixinosê*, *Mixinotó* ou *Mixino Pupurína* (Velho da esteira, ou esteira velha);
2. *Manixúarê*, dança com flautas sagradas e caça da anta;
3. *Bakuré*, dança sobre as esteiras;
4. *Yúri* (subcerimonial do *Bakuré*);
5. *Katamã*, martim- pescador (subcerimonial do *Bakuré*);
6. *Akakôna*, dança guerreira (subcerimonial do *Bakuré*);
7. *Hatóri*, dança com máscaras grandes;
8. *Atilákakáno*, carregando estandartes com símbolos de peixes;
9. *Húpzê*, os irreverentes cágados;
10. *Jekirinó*, as andorinhas;
11. *Lórunó*, dança com máscaras de cabelo;
12. *Hapuyána*, dança com aros de palha;
13. *Yatáribú*, cerimônia com canto e estribilho;

14. *Batóri*, com máscaras de rede de pescar sobre o rosto e flagelos de feixes de talos de buriti;
15. *Arixinó*, dança com símbolos, discos de palha, representando caça;
16. *Yupuriká*, dança com as flautas *Zarinímbukwá*;
17. *Boiká*, dança do arco.

O pesquisador Schultz (1962) faz algumas explicações sobre estes rituais e esclarece que

(...) era composto de várias cerimônias. Este ritual acontecia na temporada de amadurecimento do milho e nos dias de hoje a festa tradicional é comemorado e praticado nos dias de festa cultural, no intercâmbio entre a escola com a comunidade e fazendo as apresentações culturais nas cidades, conforme eu posso notar quando acompanho a rotina da comunidade. (SCHULTZ, 1962)

Segundo o senhor Aldir Aquizomaé Ariabô, de 65 anos de idade, a primeira maloca dos *Balatiponé* ficava à margem do rio Paraguai, onde hoje é chamada de *Macepô*. Com o passar dos anos mudaram para outro lugar, no mesmo território, chamado de Posto Velho, que ficava na beira do Rio Bugres.

No ano de 1912, por causa da mudança de lugar de moradia, as crianças morriam com diversas doenças, como coqueluche, tuberculose, pneumonia e com uma doença chamada sezão (extinta atualmente). Essas doenças, diz o ancião Aldir Aquizomaé Ariabo, os não-indígenas falavam que era por conta da água suja do Rio Bugres. E por conta desse triste fato, o povo resolveu se mudar de lugar novamente, e foram para outro lugar na margem do Rio Paraguai e Rio Bugres, chamado de *Maitá*.

Era um lugar alagava muito no tempo das chuvas, e os *Balatiponé* ficavam em um reduto e as pessoas continuavam a adoecer e ainda por cima correndo risco de serem atacados por animais. Por esse motivo o povo resolveu, mais uma vez, procurar outro lugar para fazer a abertura de outra aldeia.

Em 1943, o povo *Umutina* foi trazido pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) para a atual aldeia, que se chamava naquela época Posto Fraternidade Indígena, após a epidemia de sarampo, coqueluche e pneumonia contraída através do contato com os não indígenas. (CRUZ, 2012)

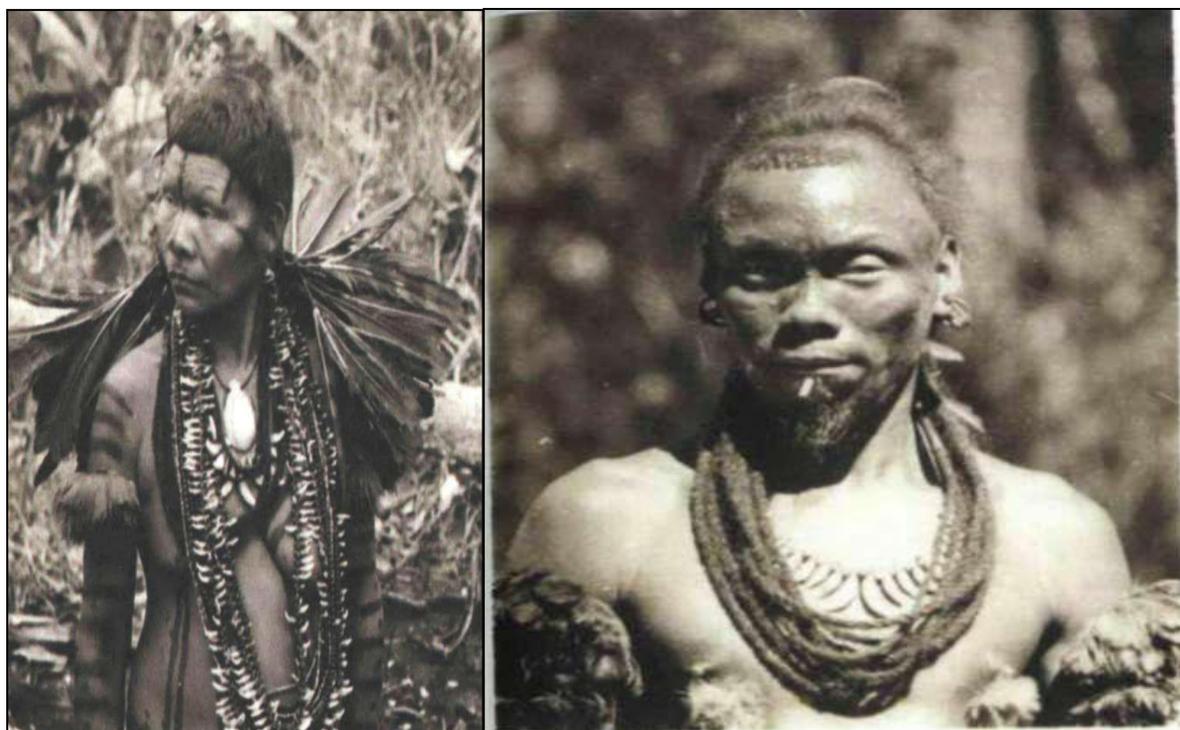
A terra Indígena Umutina foi reconhecida através do Decreto Estadual nº 385 de 06/04/1915. Recebeu o título definitivo, dado pelo Estado de Mato Grosso no dia 22 de abril de

1960, através do registro nº4. 021, livro 3-D, folhas 270/29/04/60, no Cartório do 1º ofício Comarca de Rosário Oeste/MT, com o nome de Posto Indígena Umutina. (Arquivos da FUNAI)

Antigamente, por volta de 1900, antes da demarcação do território Umutina e da atuação do Serviço de Proteção ao Índio, o SPI, o povo *Umutina* dominava um vasto território que compreendia a região dos rios Sepotuba, Bugres e Paraguai, onde praticava a caça e a pesca.

Com a chegada da colonização no Estado de Mato Grosso, o povo *Umutina*, que era nômade, acabou perdendo essa liberdade por causa da pressão dos seringueiros e poaieiros que adentravam na região, causando conflitos e mortes em ambas as partes.

Figura 2 – Homens *Balatiponé* de antigamente com seus enfeites



Fonte: base.museudoindio.gov.br/memoteca

A arte material era muito rica, composta por diversos enfeites de penas coloridas, dentes de animais e conchas. Segundo o *site* mantido pelo Instituto Socioambiental - ISA, o Povos indígenas no Brasil¹, os enfeites mais usados pelas mulheres eram: colares de dente de macaco, colares feitos de conchas, cordões de cabelos humanos, brincos feitos com penas de mutum. E os adornos masculinos mais usados eram: colares de dente de onça, e a *tembetá*, um pequeno e fino pedaço de madeira que era colocado no lábio inferior.

¹ <https://pib.socioambiental.org>

De acordo com a pesquisa de Luizinho Ariabo Quezo (2005), a Terra Indígena fica localizada na região Médio Norte, numa faixa de Transição da Amazônia ao Pantanal, a 15 quilômetros da sede do município de Barra do Bugres. Sua extensão territorial é de 28.120 hectares e, de acordo com o mapa oficial, toda terra é circundada em quase toda sua totalidade pelos rios Bugres e Paraguai. Na margem oposta, encontram-se muitas fazendas.

Convivem na Terra Indígena Umutina várias etnias: *Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Irantxe, Kayabi, Terena, Chiquitano, Umutina Balatiponé* e também os não-indígenas, considerado também um povo. Porém todos os povos citados também se autodenominam como *Umutina*, devido à elevada miscigenação que há entre os povos na aldeia. É grande o número de casamentos entre índios e não índios, colocando em risco a cultura do povo *Umutina*, pois as práticas da cultura ocidental têm sido muito fortes na rotina da aldeia. Mas, é preciso lembrar que o povo *Umutina* está em forte processo de recuperação e fortalecimento das práticas tradicionais.

Na Terra Indígena *Umutina* estão construídas várias aldeias: Aldeia Umutina (a maior e mais antiga), *Macepô, Adonay, Águas Correntes e Bakalana*.

Segundo informação da SESAI, a população atual do povo *Umutina*, em geral, é de aproximadamente 530 pessoas. Dessa população, vivem na cidade aproximadamente 16 famílias, que saíram da aldeia por motivo de não terem emprego na aldeia, para poderem sustentar as suas famílias e também alguns jovens saem da aldeia em busca de estudo nas faculdades, como na UNEMAT e no IFMT.

1.4 Língua *Umutina*

Nos dias atuais, o povo *Umutina* vive socialmente como o não-indígena, mas não deixa suas festas tradicionais, revitalizando sua cultura, principalmente, buscando resgatar o uso da língua materna umutina.

A língua Umutina, pertence ao tronco linguístico Macro-jê, da família do povo Bororo. Há pouco tempo atrás, eram somente 23 falantes da língua *Umutina*, que eram os sobreviventes do contato (Schultz, 1912). Com o passar dos tempos, esses falantes da língua materna acabaram falecendo e hoje existem somente dois anciões que ainda lembram alguma coisa e tentam falar o que lembram na língua *umutina*, que são o ancião Joaquim Kupodonepá e o ancião Antonio Uapodonepá. Esses anciões ensinam somente os jovens interessado em aprender a língua materna. Também os alunos estão aprendendo na escola com muita luta dos

professores que estão trabalhando a língua materna em sala de aula com auxílio dos dois anciões. Por conta de tantas perdas, a escola e os professores, começaram a fazer trabalhos relacionados á revitalização da língua, levando os anciões para dentro da escola, onde ali passariam o que lembravam de cultura.

No começo do trabalho, a comunidade pensava que era possível voltar a falar a língua materna do mesmo jeito que os nossos antepassados, mas infelizmente isso não é possível, apesar de já termos muitos materiais voltados para esse assunto. Sabemos que é impossível falar como os antepassados. Assim como muitas coisas, a língua sofre modificações, de acordo com a sociedade que a fala, e a língua Umutina atual é o exemplo disso, de construção, valorização, resgate e conquista, de algo que foi tirado do povo de uma forma tão violenta e que hoje está de volta.

Através destes trabalhos que estamos conseguindo o resgate de muitas coisas da língua materna, como algumas palavras e pequenas frases, como cumprimentos, formar pequenas frases, nomes de artesanatos, de peixes, animais e de danças. Exemplos disto pode ser o de um artesanato que é a flecha, *Ixó*, o peixe bagre, *Zaroto*, um animal, a Anta, que na língua materna é *Kuí* e uma dança do Martim Pescador, que chamamos de *Katamã*.

Figura 3 – Ancião Jula Paré com crianças da Aldeia Umutina



Fonte: www.pib.socioambiental.org.br

Isso tudo foi conseguido com entrevistas com os anciões que já faleceram, em especial, o ancião Jula Pará, um ícone e referência de luta e resistência.

Apesar de não conseguirmos falar do mesmo modo que os nossos antepassados, isso é um reflexo de que estamos tentamos buscar a revitalização, e o resultado está em muitas publicações de acadêmicos de universidades diferentes.

1.5 Modos de vida e de sobrevivência

As aldeias *Umutina* e *Bakalana* têm um formato retangular, para facilitar a instalação de encanamento de água e energia. As aldeias *Adonay*, *Águas Correntes* e *Macepô* estão em formato de uma linha reta. Nas três aldeias citadas não tem poço artesiano, e as pessoas consomem água de poço feito por eles mesmos. As aldeias que têm energia são a aldeia *Águas Corretes* e a aldeia *Adonay* e na aldeia *Macepô* não tem energia. A aldeia *Umutina* tem as casas feitas de alvenaria, tábua e também casas de pau-a-pique. Nas aldeias *Adonay*, *Águas Correntes*, *Macepô* e *Bakalana* as casas foram construídas de pau-a-pique.

Figura 4 – Peixe assado, beiju e mandioca, prontos para serem consumidos



Fonte: Roseli Manepá Ipaqueri, 2016

Os alimentos tradicionais do povo *Umutina* são beiju, peixe assado, carne de caça moqueada, *chicha*, batata assada e milho assado, mandioca, cará e abóbora. Hoje em dia, o povo *Umutina*, além de consumirem os alimentos tradicionais, consomem também arroz, feijão, carne de boi, frango, óleo, açúcar, café e leite, a maioria comprados em supermercados na cidade.

Nas aldeias algumas famílias tiram o seu sustento da roça de toco, onde plantam arroz, mandioca, feijão, milho, batata-doce e banana. Há também o cultivo de frutas como: laranja, limão, tangerina, poncã, mangas, seriguela, goiaba, coco da Bahia e ingá. E plantam algumas hortaliças, como cebolinha, pimentão e coentro. São plantados no quintal de algumas famílias e cada um é responsável por sua plantação. Além dos cultivos, o povo pratica a coleta de frutos silvestres como: marmelada lisa e espinhosa, ata do mato, bacaba, buriti, açai, bocaiuva, ingá do mato e *compatissé*.

Algumas pessoas pescam peixes para vender que são: pintado, pacu, dourado, jaú e peraputanga. Algumas famílias têm uma das pessoas que é empregado como professor, ou funcionário da SESAI ou FUNAI, que são assalariados e recebem seu dinheiro todo o final de mês. E também tem outras famílias que seu sustento é porque tem bolsa família, salário de aposentado e pensionista.

Figura 5 – Mulher *Balatiponé* preparando a fibra para confeccionar artesanato



Fonte: Roseli Manepá Ipaqueri, 2016

Também se sustentam vendendo artesanatos, como arco e flecha, colar, brinco, pulseira, anel de coco, saia de seda de tucum, cesto, cocar, leque, abanador e *apá*. Os artesanatos citados são feitos de vários materiais: o arco é feito de uma palmeira chamado de ceriva, a flecha é feita de uma taquara chamada cambaiuva, a corda do arco é feita de seda de tucum e o arco mesmo é construído com talas de buriti, o *apá*. Estes artesanatos são feitos pelo homem Umutina. Os demais artesanatos homens e mulheres podem fabricar para o consumo de venda.

As festas culturais que existem atualmente são, por exemplo, a comemoração do dia 19 de abril, tendo como auxílio para as atividades a escola Jula Pare. As danças que são demonstradas neste dia são:

- *Katamã*: Martim-pescador (dança dos homens)
- *Mixinosê* (dança feita com as mulheres)
- *Lorunó*: Dança da andorinha, somente os homens podem dançar)
- *Boyka*: Dança do arco e flecha, preparação para guerra e caça.

Com o trabalho de revitalização da cultura, alguns jovens estão buscando informações sobre as práticas culturais tradicionais. Buscam informações com os anciões que narram suas lembranças de antigamente, mas também procuram em livros e, principalmente, nos arquivos do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Então, na cultura Umutina estão sendo introduzidos o canto da lua, da guerra, entre outras. As pinturas do povo *Umutina* são representadas em forma de homenagens aos animais e peixes, haja vista que cada pintura tem seu significado tanto para homem e mulher. Para o homem: a pintura de guerra e para caça ele pinta o corpo todo, e, no caso da mulher, tem a pintura para quando é casada e outra pintura quando é solteira.

Os adornos culturais do povo *Umutina* é composto de saias, brincos, colares, chocalhos, cocares, braceletes, etc., como podemos observar na Figura 6.

Figura 6 – Homens *Balatiponé* preparados para festa cultural



Fonte: fopellin.wordpress.com

São confeccionados brincos e colares usando penas de pássaros, sementes e dentes de animais. As saias masculinas são feitas de palha das folhas de uma palmeira, o tucum, e a fibra da folha do tucum também é usada para confeccionar os braceletes, que são enfeitados com penas coloridas de pássaros. Os homens costumam usar colares com longos dentes de animais, em geral, destes de onça. O cocar masculino é confeccionado com longas penas de gavião e eles ficam muito orgulhosos de usar esta peça cultural nas apresentações e nas festas na aldeia.

A escola tem tido participação imprescindível no processo de revitalização da cultura tradicional. Os professores da escola realizam pesquisas em livros e na internet para buscar informações a respeito dos modos de vida dos *Balatiponé* de antigamente para poder trabalhar com os alunos os aspectos da cultura tradicional do povo.

São convidados anciãos para narrar histórias da cultura tradicional para os alunos na escola. Após as narrativas dos anciãos, os alunos produzem desenhos, pequenos textos e até

encenam as histórias contadas. Os alunos também são incentivados pelos professores a visitar a casa dos anciãos e realizar entrevista sobre a cultura tradicional.

Também a escola abre espaço para o trabalho de confecção de artesanatos da cultura tradicional, como confecção dos colares, braceletes, saias, brincos, etc.

Na matriz curricular foram introduzidas disciplinas para trabalhar a língua materna e também a cultura tradicional. Assim, as crianças já estão falando algumas palavras, sentenças e desenvolvem curtos diálogos em língua materna. Este trabalho na escola recebe todo o apoio dos pais, mesmo aqueles que não tem origem étnica *Balatiponé*.

Sempre que é possível, a comunidade vivencia atividades da cultura tradicional *Balatiponé*.

Como estamos registrando a importância da Escola para este processo de revitalização da cultura tradicional, a seguir faremos esclarecimentos sobre a Escola Jula Pará.

1.6 A Escola Jula Pará

A escola da aldeia Umutina, a Escola Indígena Jula Pare, faz parte do sistema do Município e do Estado. O município (SEMEC) cuida das turmas da Educação Infantil ao 5º ano e o Estado (SEDUC) cuida das turmas do 2º ciclo da 3ª fase até o Ensino Médio. As turmas são distribuídas para estudar no período matutino, vespertino e noturno. Ao todo, são aproximadamente 120 alunos na escola municipal e estadual. A escola municipal tem 4 professores e todos são formados na área de educação, e contratados pelo sistema estadual são 11 professores, destes três tem cargos administrativos: diretor, coordenador pedagógico e secretário.

A escola da aldeia *Bakalana* funciona como extensão da escola Julá Pará, porém, tem identificação como Escola Municipal de Educação Indígena *Bakalana* (EMEIB). A turma é composta de onze (11) alunos, funcionando como uma turma multisseriada, do Pré 1 ao Quinto ano, funcionando no período matutino. O professor é graduado pela UNEMAT.

A escola da aldeia *Umutina* é construída de alvenaria e a escola da aldeia *Bakalana*, que é extensão da escola Jula Pará, é construída de pau-a-pique e está em processo de construção o prédio de alvenaria.

A seguir, vamos tratar da Aldeia *Bakalana*, local onde se realizou a pesquisa.

1.7 Caracterização da aldeia *Bakalana*

A aldeia *Bakalana* se localiza a 33 quilômetros da sede do município de Barra do Bugres, se o trajeto for passando pela aldeia Umutina, já o trajeto que passa pela cidade de Denise tem aproximadamente 150 quilômetros do município de Barra do Bugres.

A estrutura de funcionamento da aldeia *Bakalana* é composta de: um cacique, dois representantes da Funai de Cuiabá, (um reside na aldeia Umutina que é o coordenador local da CTL e a outra mora na aldeia *Bakalana* como suplente do coordenador local) lideranças, profissionais de saúde, professores, associação, conselhos de saúde, representante da pastoral da criança e comunidade.

A população da aldeia *Bakalana* é de 20 famílias, com 54 pessoas entre crianças, jovens, adultos e anciões.

A escola da aldeia *Bakalana* se chama Escola Municipal de Educação Indígena *Bakalana*, e desenvolve trabalho de incentivo à cultura, que pode ser destacado e é muito importante, que é o ensino da Cultura Indígena Umutina. Estas atividades são para o fortalecimento da identidade do povo, assim é que se torna uma escola diferenciada, pois a comunidade participa junto com a escola.

Aldeia *Bakalana* está em processo de reconstrução e não tem 3 anos de existência; as casas foram construídas de pau-a-pique, tem energia, o poço artesiano está sendo instalado e a escola de alvenaria está em processo de construção. As pessoas da comunidade fazem seus artesanatos, a comida típica é prática na aldeia. A aldeia tem um formato retangular, onde as casas são distribuídas uma do lado da outra e as novas casas estão sendo construídas de madeira (tábua) com cobertura de palha. O tamanho e a forma de cada moradia é uma particularidade de cada família, pois não há nenhuma regra quanto a essa decisão.

A aldeia *Bakalana* é banhada por um pequeno córrego chamado de Guarantã, com várias nascentes de córregos que nasce dentro do próprio território Umutina.

Depois de explicar informações sobre meu povo e sobre minha Aldeia, no próximo capítulo passarei a registrar as informações coletadas na pesquisa com os entrevistados.

CAPÍTULO II - A ROÇA DO POVO *UMUTINA*

Aqui vou apresentar o que eu consegui coletar com as entrevistas que fiz com os anciões. Perguntei sobre a roça de antigamente e eles foram me falando e explicando sobre o que plantavam e como cuidavam da roça.

2.1 A roça de antigamente

A lavoura de antigamente era somente feita como roça de toco, explica o ancião senhor Aldir Aquizomaé Ariabô, com a idade de 65 anos. Na sua entrevista, ele comenta que o melhor local de área para ser plantada era na terra preta que fica dentro da mata, porque a terra já é adubada naturalmente da natureza. O povo *Umutina* não tinha outra opção de roça a não ser roça de toco, e que o trabalho era construído por familiares. Naquela época não trabalhava roça comunitária. Ele afirma na sua fala, que a roça de toco era sempre individual por família, cada família construía a sua própria roça.

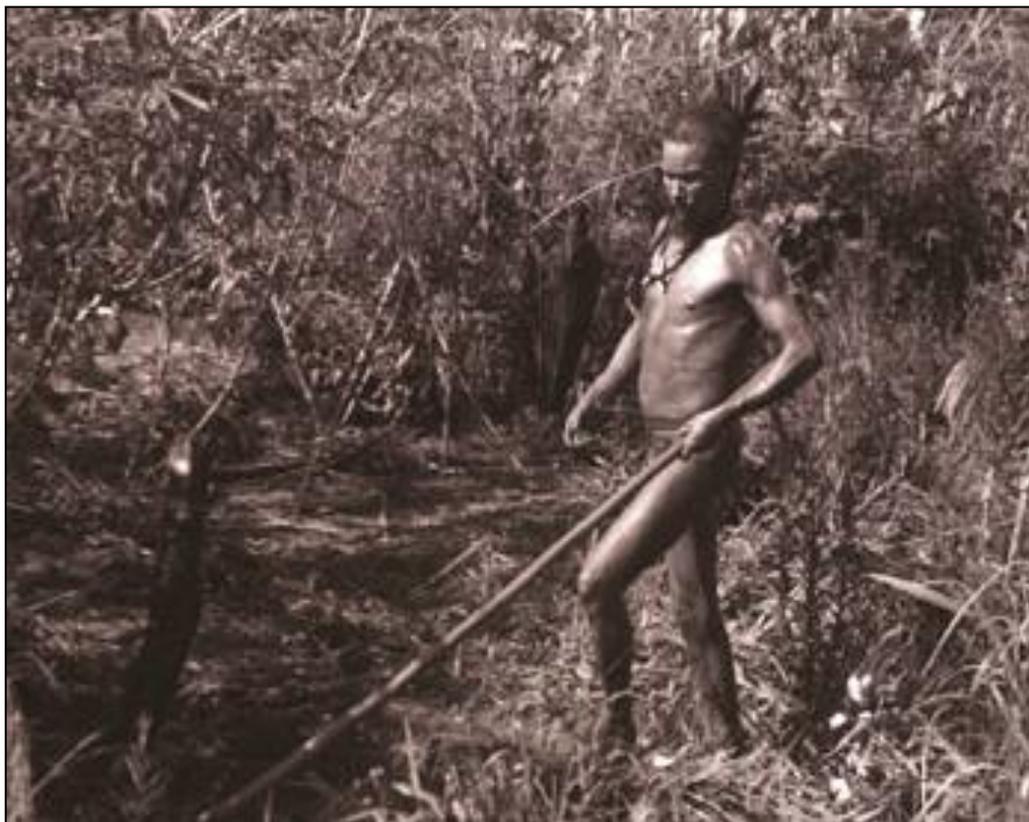
Figura 7 – Homem *Balatiponé* na roça, antigamente



Fonte: base.museudoindio.gov.br/memoteca

O trabalho que o homem *Umutina* fazia era o roçado e a derrubada e os demais serviços era responsabilidade de todos os membros da família, ou seja, todos já participavam fazendo alguma coisa na roça.

Figura 8 – Homem *Balatiponé*, de antigamente, no manejo da roça de toco



Fonte: base.museudoindio.gov.br/memoteca

O ancião afirma que a época certa de fazer a roça de toco, os *Umutina* identificavam baseados nas flores das palmeiras de tucum. Quando a palmeira começava a soltar os cachos de coquinho ou quando a chuva parava de acontecer, que é no começo de mês de maio, o povo *Umutina* já sabia que estava na hora de preparar a roça de toco para o plantio da lavoura.

2.1.1 Preparo da roça

Para dar início ao trabalho da roça, diz o ancião, era preciso procurar o local dentro da mata virgem, quer dizer, mata que ainda não foi trabalhada por ninguém e que a roça tinha que ser perto de um córrego ou de um rio, para facilitar o trabalho do dia a dia nesta roça.

Já escolhido o lugar certo da roça, começava a roçada de mata mais baixa e logo após o fim do roçado, começavam a derrubada das árvores mais altas, e este trabalho tinha que ser feito no máximo em 2 meses, que é no mês de maio até final de junho para ser concluído. E depois de serem concluídos estes trabalhos, era esperado secar bem o local da roça e esperava no máximo 3 meses, que são julho, agosto e setembro, para ser feito a queimada. Antes de ser feito a queimada era feito o aceiro, quer dizer, desmatamento ou queimada de mato em volta do local da roça, para não espalhar o fogo dentro da mata e todos os membros da família ficavam ao redor da roça, cuidando para que o fogo não se alastrasse por dentro da mata.

Depois da queimada da roça, a família reunia-se para fazer a coivara, quer dizer, cortar os galhos que restaram da queimada da roça, tirando todos os galhos que restaram do fogo e depois da roça limpa começava o plantio.

2.1.2 Plantio

Logo que fazia a queimada na roça já no outro dia podia fazer a cova com enxada para plantar certos alimentos, como melancia, abóbora e melão que são as primeiras sementes a serem plantadas. Logo a seguir começava o plantio do arroz junto no mesmo lugar onde foram plantados os primeiros alimentos. O milho era plantado em outra parte da roça, porque o milho não aceitava outros tipos de plantação perto, no mesmo local. A outra parte da roça ficava para o plantio da mandioca, batata e cará.

Segundo o ancião, ele conta que o povo *Umutina* tinha um período de três semanas no mês de setembro para fazer toda a sua plantação que é no período da primeira lua boa que é a crescente, a cheia e metade da lua minguante. Quando não conseguiam plantar todas as sementes no mesmo mês tinham que esperar o próximo tempo de outubro e novembro, que são os três meses de se fazer o plantio.

Para o cuidado das plantas, era necessário que o homem não deixasse o mato crescer, sempre usando a enxada para capinar o mato para que não pudesse abafar as plantações.

Nas roças feitas, não se preocupava em adubar a terra, porque a terra já tinha adubo natural da própria mata, por isso as pessoas se preocupavam antes para escolher o local certo para fazer a roça em terra preta quer dizer terra boa, que podia plantar e davam com fartura.

A maneira de medir o local da roça, era de acordo com cada família, informa o ancião, e que variava de família por família, por exemplo: numa família se tiver muitos membros a roça é medida com mais ou menos um comprimento de 250 cabos de machado e a largura da roça é

de 150 cabos de machado. A família com menos pessoas seria mais ou menos o comprimento da roça de 150 cabos de machado e a largura é de 100 cabos de machado. Este cabo de machado possuía um tipo de medição mais ou menos um metro de comprimento ou cortavam uma vareta usando a medida do cabo de machado. Este cabo do machado tinha que ter a medição do pé até o umbigo de um homem adulto Umutina.

Esta roça de toco tinha formato de um retângulo ou um quadrado, era a preferência escolhida de cada família. Quando a roça de toco estava preparada para o plantio, plantavam melancia e abóbora, na plantação de mandioca era um lugar reservado somente para mandioca e outra parte da roça de toco ficava reservada para o plantio do arroz.

2.1.3 Colheita

Quando chegava a época da colheita todos os membros da família participavam na colheita. Participavam da colheita apenas membros da família, e a colheita durava aproximadamente uma semana, retornando para a aldeia ao final do dia. Se organizavam da seguinte maneira: todos tinham a mesma tarefa, pois entendiam que assim o serviço adiantava mais e era mais produtivo. Todo o produto colhido era consumido entre a família. No caso da roça comunitária, ao fim da colheita todos faziam o ritual de agradecimento pela fartura.

No tempo atual o povo *Umutina* não faz mais a festa do milho, somente fazem a bebida tradicional chamada de *chicha* (*julurukwá*), para a família beber demonstrando alegria por uma colheita com fartura. Mas existem algumas famílias que continuam a fazer a *chicha* e colocam na garrafa; depois levam até a roça e deixam no meio da roça em oferecimento ao Deus da floresta.

No final da colheita do arroz, era feita a limpeza no local onde foi colhido o arroz, carpindo com enxada e usando o facão para cortar os matos maior, e deixando os matos e as palhas do arroz para secar e adubar a terra para o plantio do feijão que terá um desenvolvimento muito bom neste local.

2.1.4 Produtos plantados

Pela fala do ancião, ele relata que naquela época o povo *Umutina* cultivava vários tipos de alimentos: banana, cará e batata e para esses alimentos não tinha preferência de lugar dentro da roça porque não atrapalhava o desenvolvimento de outros alimentos já plantados na roça.

O ancião disse que os *Umutina* gostavam de cultivar o milho mole, ou seja, o milho fofo e cultivava também outros tipos de milho trazidos pelo chefe de posto que era funcionário do SPI.

Foi entrevistada também a anciã dona Neuza Manepá Ipaqueri, com a idade de 61 anos. Ela conta que a época certa de plantar o milho mole é no mês de setembro, outubro e novembro e no período da lua cheia, porque a espiga do milho fica grande e bonita com os grãos cheios na espiga do milho. Este tipo de milho era plantado em só um lugar na roça não tendo outro tipo de planta junto dele, porque atrapalhava o crescimento do milho, e durante a primeira colheita era somente para ser assado na brasa. Ela comenta ainda que tinha algumas pessoas que gostavam de plantar o milho no meio do arroz, plantava um pé longe de outro, salteado.

Além do milho gostavam muito de plantar mandioca brava (Felipão) para fazer massa de mandioca e logo em seguida faziam o *carimã* da massa que era deixado no lugar em cima onde era feito o fogo dentro da casa que era um meio de conservar o *carimã*, quer dizer, a massa de mandioca em forma de uma bola. Esse tipo de conserva durava por muitos dias e não corria o risco de estragar e nenhum tipo de insetos perfurava o carimã.

2.1.5 As Fases da Lua

Os entrevistados relatam sobre as fases da lua que o povo *Umutina* acompanhava para fazer e plantar nas suas roças de toco. Não somente usavam seguir as fases da lua para plantação, mas eles usavam acompanhar as fases da lua para cortar madeira para fazer suas casas e cortar a madeira para fazer canoa, para o corte do cabelo, para a pesca e a caça.

Na plantação de suas roças, dizem os entrevistados, o que acontece quando planta na fase da lua nova, as plantações nascem, mas não dá fruto de qualidade e o fruto fica bichado. Nesta fase da lua não pode nem tirar madeira para fazer casas, porque a madeira fica fraca e logo a madeira fica carunchada, perdendo sua resistência.

Se plantar na lua cheia é um período muito bom, tudo que se planta dá com qualidade, exemplo da banana: os cachos de banana ficam cheio e nas pencas também; a mandioca carrega com muitas raízes, assim também acontece com o plantio da melancia, abóbora, cara, batata etc.

E a lua crescente também é uma fase muito boa de se plantar e nesse período que gostavam de plantar o arroz, porque os cachos do arroz carregavam bem. O tempo da lua minguante é bom de plantar somente do início da lua até a metade da lua minguante, quer dizer que esta fase da lua não é bom de plantar. Os entrevistados comentam que o povo *Umutina* vivia com sua própria sabedoria e fartura nas suas grandes roças.

Em todas as fases da lua citadas acima, dizem os entrevistados, pode ser trabalhado somente no período e época da chuva para ser aproveitado para fazer uma boa plantação e tudo que se plantar neste período e fase da lua da com muita fartura.

2.2 A roça atualmente

Nos dias atuais algumas famílias do povo *Umutina* trabalha fazendo sua roça de toco normalmente como antigamente, usando a foice para fazer a roçada, o machado para fazer a derrubada, a enxada para capinar, o enxadão para fazer cova e o facão para cortar os ramos e galhos na roça. Essas famílias que gostam de fazer roça de toco preferem fazer dentro da mata que a terra já está esterçada com as folhas e troncos de árvores que caem e apodrecem no chão e com isso facilita o crescimento das plantações. Mas, poucas famílias gostam de fazer roça de toco.

De acordo com a fala do senhor Arinilson Soripá Umutina, de 48 anos de idade, que gosta de fazer roça todo ano, ele relata que a roça de toco nos dias de hoje modificou um pouco. Uma das modificações é que ele gosta de fazer sua roça de toco sempre na mata onde já foi a sua roça, onde ele dá o nome de capoeira, quer dizer reaproveitamento do mesmo local da área da roça.

2.2.1 Preparo da roça

Além da roça de toco muitas famílias fazem a roça usando trator e grade para preparar a terra para o plantio, porque eles acham a maneira mais fácil para fazer sua plantação, usando também o adubo para fortalecer a terra para que a plantação tenha um bom desenvolvimento.

Conforme a fala do entrevistado, senhor Arinilson Soripá Umutina, hoje não se usa mais a medida de antigamente (o cabo de machado), mas, atualmente a medida baseia-se em hectare.

Normalmente é a quantidade de cada família, se a família for menor a roça também será menor e como família do entrevistado é maior a roça também será com mais ou menos 2 hectares.

Segundo o entrevistado, ele relata que na sua visão fazer a roça de toco é muito melhor, porque não precisa adubar a terra, porque a terra já é adubada naturalmente.

Informa o entrevistado que os tipos de ferramentas usadas pelas pessoas são: foice, machado, motosserra, enxada, enxadão, facão e limas. A foice é para fazer o trabalho de roçada de mato mais baixo. O machado, com a moto serra, é para fazer a derrubada das árvores altas. A enxada é para capinar a roça e fazer cova para o plantio. O enxadão também é usado somente para fazer cova no plantio da roça. E o facão é usado para cortar galhos que restaram da queimada e para cortar os ramos maiores do meio da roça para não abafar as plantas.

A lima é uma ferramenta principal para afiar ou amolar todas as ferramentas que são usadas para fazer roças de toco e tem um tipo de lima diferente que é usado somente para amolar a corrente da motosserra quando não está cortando a madeira.

Argumenta também o senhor Arinilson Soripá Umutina, que, na roça feita com o trator e grade para preparar a terra, é usado somente a enxada, o enxadão, o facão e a lima para amolar essas ferramentas de trabalho do dia a dia da roça. No seu relato, ele afirma que já teve experiência em fazer as duas roças, mas prefere fazer a roça de toco, porque não é preciso adubar a terra.

E outras pessoas acham melhor fazer a roça usando o trator e grade para preparar a terra, que já é preciso usar adubo e calcário para o fortalecimento da terra para ter uma boa plantação.

Esclarece o entrevistado que o povo *Umutina* prepara a terra de duas maneiras usando o trator e grade que é para fazer a roça em campo de sapezeiro, fazendo o reaproveitamento desta área para não fazer o desmatamento das árvores e não prejudicar a natureza. E a outra maneira é a roça de toco fazendo derrubada de árvores e que esse tipo de trabalho prejudica a nossa natureza.

2.2.2 Produtos plantados

O entrevistado, senhor Arinilson Soripá Umutina, comenta que, atualmente, os tipos de plantação que são plantados nas roças atuais que é melancia, abóbora, melão, milho, arroz, mandioca, banana, batata, cara, feijão, pepino, quiabo e abacaxi.

Figura 9 – Mulher *Balatiponé* no manejo da roça de milho, atualmente



Fonte: Roseli Manepá Ipaqueri , 2016

Sobre a maneira de plantar cada alimento, explica o senhor Arenilson Soripa, a melancia, abóbora, melão e o pepino são plantados salteado no meio de toda a roça. Para o plantio do milho tem uma parte reservado somente para o milho. O arroz e a banana podem ser plantados no mesmo local que não prejudicaria os seus desenvolvimentos. A mandioca também tem uma parte somente para ela dentro da roça, mas também pode ser plantada batata e o cará no meio dela. O feijão é plantado após a colheita do arroz ou também do milho, fazendo o reaproveitamento da área.

Figura 10 – Roça de banana na aldeia *Bakalana*



Fonte: Roseli Manepá Ipaqueri , 2016

Atualmente a colheita é feita nos meses de dezembro a abril. Participam da colheita somente homens e mulheres e os produtos colhidos ficam entre as famílias. Quando o plantio é feito por máquinas a colheita é feita por máquinas e quando plantado manualmente a colheita também é feita manualmente. Todo o produto é dividido e consumido pelas famílias.

2.3 Reflexão sobre a fala dos entrevistados

Na fala dos entrevistados *Umutina* elas têm em mente todas as memórias de como fazer a roça de toco, quando elas começam a lembrar da fartura que tinha na roça até se emocionam ao contar do passado. Porque eles sempre plantavam na fase da lua boa, quer dizer, lua cheia, porque todos os tipos de plantação que se planta nesta lua da com muita fartura, por exemplo a mandioca, milho, batata, banana, cará etc; o cacho de banana fica cheio de penca de banana, e a mandioca fica cheio de raiz de mandioca.

Eles lembram que o povo *Umutina* tinha sua própria sabedoria, quer dizer, o conhecimento de prática de se fazer a roça que era passada de geração a geração de como lidar com a roça e que hoje está perdendo os conhecimentos antigos, estão plantando fora do tempo certo da lua que era muito usado naquela época e algumas pessoas não acreditam nesse conhecimento e sabedoria do nosso povo, diz os entrevistados. Os mesmos dizem ainda que ficam muito triste, porque eles veem que não estão mais praticando a roça de toco, estão achando fazer a lavoura usando o trator para facilitar mais o trabalho na roça.

O ancião também comenta a diferença entre a roça de toco e a roça usando o trator, que tem uma diferença muito grande. Na roça de toco, as plantações nascem viçosas e tem uma colheita muito boa e a roça usando o trator para preparar a terra, as plantações não ficam viçosas e não tem uma colheita boa. Dizem ainda os anciões na roça de toco já é bem adubado com o próprio adubo da natureza e roça feita com o trator no campo ou sapezeiro que não tem o adubo da natureza e por isso a plantação não cresce saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu tema de pesquisa foi elaborado e concluído sobre a lavoura do povo *Umutina*, pelo seguinte motivo: Sempre tive curiosidade em compreender como era feito e desenvolvido todas as fases desde o começo até ao fim do plantio e da colheita daquela época, comparando com os contrastes atuais.

Interessante saber que naquela época de antigamente, os nossos antepassados conseguiam acompanhar as fases propícias de cada estação do ano, dando sequência no plantio e colheita na época certa, pois tinham como aliado o conhecimento das fases da lua.

Com tudo isso, faço a seguinte reflexão: que este trabalho de pesquisa foi uma forma de aprendizado que pode contribuir com a minha comunidade, uma vez que sabendo como era feito e manuseado os meios de plantio e colheita daquela época e como são atualmente, respeitando os meios oferecidos da atualidade com uma forma de não prejudicar o meio ambiente.

REFERENCIAS

CRUZ, Mônica Cidele da. **Povo Umutina**: A busca da identidade linguística e cultural. Campinas, Unicampi, 2012.

LIMA, Stella. **A Língua Umutina**: um sopro de vida, 1995.

QUEZO, Luizinho Ariabô. **História e Mito do Povo Umutina**. Trabalho de conclusão de curso. Barra do Bugres, Unemat, 2005

SCHULTZ, Harald. Revista do Museu Paulista, N,S, VOL.XIII, 1912.

<http://www.pib.socioambiental.org.br/pt/povo/umutina>, acessado em janeiro de 2016.

CONSULTORES NATIVOS

Aldir Aquizomaé Ariabo. Idade: 65 anos

Arenilson Soripa Umutina. Idade: 62 anos

Luizinho Ariabo Quezo. Idade: 41 anos

Neuza Manepa Ipaqueri. Idade: 63 anos

Vera Lucia Ariabo Quezo. Idade: 63 anos